

Catherine O'Connell

Ontem à Noite

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

Para os meus três irmãos, Tom, Jane e Barney.
A maior dádiva que uma autora pode ter é uma
família excêntrica e amante, e eu fui abençoada
com uma que é ambas as coisas.

Actualidade

Estou sozinha na tenda da música, cá para trás, longe dos outros. A chuva martela o telhado do pavilhão, abafando os acordes atonais do *Concerto para Piano e Orquestra* de Schönberg. A música dissonante faz-me pensar em como a imperfeição pode ser bela. Um jovem violoncelista chega atrasado e espreme-se até ao seu lugar na orquestra. A mudança na postura do maestro é quase imperceptível, mas percebo que tomou a devida nota do atraso do músico. Terá sido da parte do violoncelista um erro desses que destroem uma carreira? É muito capaz disso. A música é uma área competitiva.

Pergunto-me quantos desfechos dependeram de momentos embaraçosos como este: quantas vidas ficaram inexoravelmente alteradas em resultado de um passo em falso. Por escolha ou por deflexão, as consequências do caminho alternativo podem ser terríveis. Penso em como poderia ser agora a minha vida se não fosse aquele grande passo em falso. Muito diferente, isso de certeza.

Encontro algum conforto no conhecimento de que não fui a responsável directa pela morte da Angela. Apesar de ter passado mais de um quarto de século desde aquela noite, ela continua a insinuar-se nos meus pensamentos com indevida frequência. E quando penso na volta que a minha vida deu na esteira de tudo aquilo, há sempre uma pontinha de culpa.

A chuva pára de bater no telhado no preciso instante em que a música chega ao *crescendo* final. A orquestra põe-se de pé para agradecer

a estrondosa ovação, e o violoncelista retardatário levanta-se com os outros. Houve qualquer coisa no seu atraso que me tocou, e a compreensão chega num relâmpago. Não é demasiado tarde para contar a história. Nunca é demasiado tarde para trazer a verdade à tona. Saio da tenda à frente da multidão e atravesso apressada o parque de estacionamento até ao meu carro. No regresso a casa, com os cumes das majestosas Rockies a erguerem-se de ambos os lados, já vou a compor as palavras. Quando chego, estão prontas para encaixar nos respectivos lugares.

Portanto, se fizerem esse favor, regressem comigo a uma quente e húmida noite de Chicago em Junho de 1988. Havia mudanças em curso, mas ainda ninguém fazia ideia de quão profundas eram. A música *disco* estava nos seus últimos estertores, homens e mulheres usavam os cabelos compridos dos lados e curtos em cima, os *jeans* eram desbotados à força e de cintura alta. A Cher e os que viviam em *roulottes* eram os únicos que tinham tatuagens. Os *gay* começavam a sair do armário, enquanto a sida já era uma epidemia. Os computadores eram uma novidade para qualquer pessoa fora do mundo dos negócios, o *e-mail* quase não existia, os SMS eram ficção científica e se alguém tinha um telemóvel era quase do tamanho de um sapato. A tecnologia telefónica mais recente era o botão de remarcar. Como mulheres, éramos a primeira geração completa de caçadoras de carreiras, enfim monetária e sexualmente libertadas. Mas com os nossos papéis a serem ainda questionados num mundo de homens, contentávamo-nos muitas vezes com muito menos.

Este é um instantâneo de Chicago quando a minha história começa. Embora possa dar testemunho do meu papel, o leitor terá de perdoar-me as liberdades que tomarei ao falar por terceiros. Ainda que possa haver algumas inexactidões na minha interpretação do que aconteceu, suspeito de que no fim a história terá o toque da verdade.

MARGARET MARY TRUEHEART
10 de Julho de 2013

Capítulo 1

14 dias para o casamento

Sábado, 11 de Junho de 1988

Acordei a ouvir a campainha do telefone e com a sensação nauseante, desagradável, de não estar sozinha. Deitada de lado e a olhar para a parede, não podia ignorar o calor que outro corpo irradiava debaixo dos meus lençóis de marca. Lembrei-me de que o Flynn não estava na cidade. Um frenético *replay* da noite anterior só me trouxe imagens dispersas. Não havia dúvida, ainda estava bêbeda.

O telefone tocou seis vezes antes de a chamada ir para o atendedor automático na sala, e o som da minha voz ecoou pelo corredor. *Olá, fala a Maggie. Sabe o que fazer e quando fazê-lo.* A linha passou para o toque de chamada. O telefone começou mais uma vez a tocar. E mais uma vez o som da minha voz foi seguido pelo clique de desligar. Quando aconteceu pela terceira, percebi que quem estava a ligar não ia desistir. De má vontade, rolei até ficar de costas para pegar no telefone, mas a minha mão imobilizou-se a meio do gesto. Era o carpinteiro. O da camisa de trabalho azul *sans* camisa de trabalho azul. Estava a sorrir para mim, e o sorriso cavava-lhe dois fundos parêntesis nas faces bronzeadas. A náusea desceu da cabeça até aos dedos dos pés do meu corpo muito nu.

– Parece que alguém quer falar contigo – disse ele. Levando um conspirativo dedo aos lábios num pedido de silêncio, tirou o auscultador do descanso e entregou-mo, o fio a traçar um risco espiralado no peito peludo. Horrorizada, arranquei-lhe o auscultador da mão e encostei o bocal à cara, com medo de que o meu visitante fizesse qualquer coisa para tornar a sua presença conhecida, como tossir, ou falar, ou, não

o permitisse Deus, soltar certas emissões ruidosas tão comuns na espécie masculina às primeiras horas da manhã.

– Estou? – grasnou uma voz que mal reconheci como sendo a minha.

– Maggie, oh Maggie, sou eu, a Suzanne. – As palavras dela destilavam alívio. – Graças a Deus chegaste bem a casa.

Isso, pensei eu, é uma questão de opinião. Pousei os olhos no meu convidado. Tinha-se posto muito à vontade no seu lado da cama, a cabeça encaracolada apoiada nas mãos cruzadas, os cotovelos abertos como asas. Ainda tinha na cara a merda daquele sorriso e não se parecia nada com o tímido carpinteiro do New Hampshire da noite anterior.

– Claro que cheguei bem a casa – menti. Olhei de relance para o relógio. O visor digital disse-me que eram sete e quarenta e oito. Não supercedo, mas mesmo assim uma hora bastante pouco civilizada para um telefonema num sábado de manhã depois de uma noite de sexta-feira, até para quem gostava de levantar-se cedo como a Suzanne. Numa coxa tentativa de parecer descontraída, disse: – Então conta lá, por que estás a telefonar-me de madrugada?

Houve uma breve hesitação, e então:

– Não sei de que outra maneira dizer isto, Maggie. É a Angie. Morreu.

As palavras estalaram no meu espapaçado cérebro como o chicote de um domador. Sentei-me na cama como que empurrada por uma mola, os seios nus expostos quando o lençol caiu. Tornei a puxá-lo para o queixo num gesto de delinquente pudor. Era pôr trancas na porta depois da casa roubada.

– Estás a brincar, não estás? – perguntei, mas ainda as palavras não me tinham saído da boca e já eu estava consciente da sua futilidade. A Suzanne Lundgren era, em todo o planeta, a pessoa menos capaz de pregar uma partida fosse de que género fosse, quanto mais uma tão macabra.

– Quem me dera que estivesse. – A voz dela ressumava dor. – A Kelly acaba de ligar-me da esquadra da polícia. A Angie foi assassinada. Encontraram o corpo dela no Lincoln Park, esta manhã.

– A Kelly? – Não fazia sentido. Havia montes de perguntas a formarem-se-me na cabeça, mas no meu estado alterado as mais lógicas não estavam a vir à superfície. Em vez de perguntar pela Angie, disse: – O que tem a Kelly a ver com isto?

– Saiu para fazer a sua corrida esta manhã e foi dar ao local do crime – respondeu a Suzanne. – Está na sede da Área Três. Suponho que a levaram para lá para a interrogarem a respeito da Angie.

– Mas isso é impossível. Estávamos juntas... – voltei a olhar para o relógio – o quê, há cinco ou seis horas? Não a levaste a casa?

Dessa vez Suzanne passou-se, as palavras saíram-lhe em arquejos entrecortados.

– Maggie. Claro que a levei a casa. Depois de te termos deixado, meti-a num táxi e levei-a direita a casa. Obriguei o taxista a esperar até ela entrar. Vi-a fechar a porta.

Fragmentos da noite começaram a chegar-me como peças de um *puzzle*: A Angie na pista de dança com umas calças pretas e um decotado *top* encarnado, os densos cabelos pretos a taparem-lhe a cara como uma cortina escura, as amplas ancas a balouçarem-se, provocadoras, em cima de um par de *stiletos* vermelhos. A Angie encostada ao bar iluminado a néon, a língua enfiada num copo de *shot*. A Angie a tentar manter-se direita sobre pernas de gelatina.

– Ouve, não posso falar mais. Já te contei tudo o que sei – disse a Suzanne, a voz contraída pela emoção. – A Kelly prometeu ligar logo que chegar a casa com o resto dos pormenores. Entretanto, importas-te de ligar à Carol Anne? Eu não sou capaz.

– Sim, claro – murmurei. A linha emudeceu.

A olhar para o auscultador que tinha na mão como se fosse um objecto alienígena, lutei por conciliar-me com o que acabava de acontecer. Não podia estar a enfrentar a inevitabilidade da morte de uma amiga. Aquilo tinha de ser uma espécie de pesadelo louco. Como o desconhecido que estava a olhar para mim. Também ele fazia parte do pesadelo. Se fechasse os olhos por um instante, o mundo voltaria à normalidade do dia anterior. A Angie estaria viva e eu estaria sozinha na minha cama, e a pior coisa que alguém sofreria seria a mãe de todas as ressacas.

Apertei os olhos com força.

Mas quando voltei a abri-los ele ainda ali estava, a sua presença quase tão perturbadora como a morte da Angie. O sorriso tinha desaparecido e a sua cara espelhava uma preocupação genuína. Estendeu a mão e acariciou-me a face.

– Está tudo bem?

– Houve um acidente – respondi, demasiado aturdida para chorar, a não querer partilhar o meu desgosto com um desconhecido. – Tens de ir-te embora.

Ele optou por ignorar o meu pedido e voltou a acariciar-me a cara, passando as costas da mão ao longo da linha do queixo. Reprimi um involuntário frémito. Havia um certo poder nas mãos dele, e lembrei-me de ter ficado obcecada com elas na noite anterior. Eram grandes e fortes, com articulações bem definidas e calosidades duramente conquistadas que davam testemunho de horas de honesto trabalho físico. Umhas mãos tão diferentes das do Flynn. As mãos do Flynn eram sedosas e macias, com dedos compridos e esguios e unhas livres de cutículas, mãos que podiam empunhar um taco de golfe ou uma raqueta de ténis, mãos de um estrato social diferente.

– És tão bonita – dizia ele, as carícias a migrarem para a pele sensível do meu pescoço. – Tão bonita.

Peças desgarradas começaram a emergir da névoa de vodca. Dançar ao som da Cyndi Lauper no The Overhang, entrar para uma carrinha branca, nós os dois banhados em luz amarela debaixo de um candeeiro em frente do meu prédio. Mesmo assim, uma grande parte do *puzzle* continuava vazio. Com o transe onírico do álcool a dissipar-se, e desaparecida a capa protectora da noite, estava nua à luz nua da manhã. Eva a olhar para a maçã. Pensei no Flynn e o coração desceu-me até à boca do estômago. Então pensei na Angie e o coração desceu-me ainda mais abaixo.

Aparentemente alheio ao meu conflito, o carpinteiro aproximou a cara da minha e beijou-me ao de leve nos lábios.

– Não – protestei, e afastei-me.

Sem ligar a mínima à minha tardia virtude, passou-me a mão pela nuca e puxou-me para mais perto. Tão perto que senti o calor que subia da superfície lisa do seu torso. Apertou os lábios contra o meu queixo, o meu nariz, a minha boca.

– Não – repeti, a tentar reunir um pouco de convicção enquanto os lábios dele estendiam a sua peregrinação até atrás da minha orelha.

Num mundo perfeito, o meu eu bonzinho teria sentido repulsa pela simples presença daquele homem. Num mundo perfeito, o meu eu

bonzinho tê-lo-ia esbofeteado e saltado da cama. Num mundo perfeito, aquele homem nem ali estaria, para começar.

Mas é um mundo imperfeito.

Aquilo era errado, muito errado. Como podia eu trair o meu noivo daquela maneira? Como podia pensar em sexo quando estava a chorar a morte de uma amiga? Mas qualquer coisa de primevo tinha-se incendiado no mais fundo do meu ser, afogando desgosto e culpa e dor, fazendo prisioneiro o meu eu racional. O meu corpo movia-se de livre vontade na direcção dele. Nem quis fingir que dava luta. Queria ser abraçada por ele, enterrar a cara no peito dele, permitir-lhe que se enterrasse em mim.

Retribuí o beijo, ao princípio hesitante, depois com ânsia, a abrir a boca para aceitar a dele. Empurrou-me para o colchão e no instante seguinte estávamos a rolar na cama, os nossos corpos apertados um contra o outro. Os movimentos tornaram-se mais intensos, e estávamos a uma unha negra do inevitável quando uma luzinha inoportuna tremeluziu nos recessos do meu cérebro. Agarrei-lhe as ancas e travei-o à beira de entrar em mim. Ele respirava em haustos desesperados e os seus olhos cor de café encontraram os meus.

– Suponho que não usei o diafragma ontem à noite? – ofeguei.

O olhar vazio dele respondeu à pergunta. Suspirei e afastei-o de mim. Se havia uma altura para parar aquela loucura, o momento acabava de apresentar-se. Mas a sanidade mental não ia prevalecer. Eu era uma mulher possuída.

Procurei na gaveta da mesa-de-cabeceira e tirei de lá o diafragma e apressei-me a enfiar a fiável redoma no sítio onde precisava de estar naquele momento, a exorcizar pensamentos a respeito de onde devia ter estado na noite anterior. E então, como se não tivesse havido uma quebra na actividade, ele estava de novo em cima de mim. Não houve noção de tempo, nem consciência do passado, nem medo do futuro. O presente era a única coisa a considerar, um presente muito atraente. Rendi-me a ele, troquei a consciência de tudo o mais por essa arena onde nada existe excepto nós, e outro corpo, e milhões em cima de milhões de cobiçosos terminais nervosos a exigir atenção.

Capítulo 2

Quando acordei, uma hora mais tarde, o carpinteiro dormia profundamente a meu lado, um braço a rodear-me os ombros. Entretanto já me tinha passado um pouco a bebedeira, se bem que o álcool residual no meu organismo ainda fosse o suficiente para me garantir uma multa por condução sob efeito do álcool. A fúria de hormonas que antes tinha feito de mim uma louca encartada refluía e os acontecimentos da manhã atingiram-me em cheio. Olhei para o tecto e tentei digerir a minha nova realidade. Eu era uma pega e a Angie estava morta.

Com muito cuidado para não acordar o meu convidado, libertei-me do braço dele e fui para a casa de banho. Um olhar ao espelho serviu para confirmar a minha auto-avaliação. Os meus cabelos dividiam-se em empastados tufos cor de mogno espetados em todas direcções, como a cabeleira de um palhaço, os meus olhos verdes estavam orlados de medonhos círculos negros da maquilhagem do dia anterior e a pele da cara ardia-me do roçar da barba do carpinteiro. Descolei, com algum desconforto, as lentes de contacto que tinha negligenciado tirar na noite anterior e atirei-as para o lixo. Então sentei-me na sanita e escondi a cara nas mãos, a tentar lidar com a monstruosa dor de cabeça que me latejava na têmpora direita. A imagem da Angie estendida numa mesa de mármore fez-me gemer alto e encheu-me de lágrimas os olhos raiados de sangue. Pensei nos pais e irmãos dela, pessoas que tinha conhecido durante a maior parte da minha vida. Se a perda de Angie era dolorosa para mim, devia ser insuportável para eles. Fiquei ali sentada durante um

pedaço até que os meus pensamentos saltaram para o desconhecido que dormia na minha cama. Que diabo me tinha passado pela cabeça? E se o Flynn voltasse mais cedo? Tinha de tirá-lo de casa. E já. Peguei no roupão de turco e vesti-o, o cinto bem apertado na cintura.

Ele tinha acordado e estava vestido e sentado à mesa da cozinha, a folhear um exemplar da *Chicagoan*, os caracóis a roçarem a armação metálica dos óculos. Ergueu os olhos e encurvou os lábios num sorriso que lhe cavou nas faces aqueles fundos parêntesis. Fez um gesto de cabeça na direcção da casa de banho, ao fundo do corredor.

- Posso?
- Podes o quê?
- Usar a tua casa de banho.

Quando a porta se fechou atrás dele, um monte de possibilidades passou-me a toda a velocidade pela cabeça. Com certeza não estava a pensar tomar um duche. Tinha de ir-se embora, e quanto mais depressa melhor. Ao som do autoclismo seguiu-se o da água a correr de uma torneira, e então, para meu grande alívio, a porta abriu-se e ele saiu. Avançou para mim, ainda petrificada no meio da sala, e inclinou-se para me dar um beijo. Afastei-me.

Vi nos olhos castanhos por trás das lentes dos óculos que o tinha magoado.

– Quero que saibas que gostei muito de estar contigo. Quero voltar a ver-te – declarou.

– O quê? – As palavras saíram com um arquejo. Estava a brincar? Aquele homem era responsável por eu ter traído o meu noivo, ainda que com uma pequena colaboração da minha parte, e estava a pedir-me um segundo encontro? Onde estava o amante de uma noite que mal podia esperar por sair porta fora? O que se vai embora a dizer «Eu ligo-te», mas nunca o faz. Onde está esse homem? – Enlouqueceste? Sabes que vou casar.

– Talvez queiras pensar melhor nisso, Maggie. Só sei que nunca conheci ninguém como tu e que quero voltar a ver-te.

– Não sabes quem eu sou e não me conheceste a mim. Conheceste a minha *alter ego* embriagada da noite passada, e essa vai sair da cidade. Cometi um grande erro. Amo muito alguém e vou casar com ele e o que fiz foi errado, muito errado.

– Ninguém diria que foi errado a julgar pela maneira como te comportaste ontem à noite. Ou hoje de manhã – disse ele, o olhar a percorrer o corredor até à porta do quarto.

Estas palavras tocaram-me num nervo. Não por serem cruéis, mas por serem verdadeiras. Muito bem, talvez eu tivesse atravessado a linha para o reino animal. O problema era que o animal estava de volta à jaula e precisava de lá ficar sozinho. Tinha de me livrar do carpinteiro o mais depressa possível, o mais suavemente possível. Resolvi tentar chamá-lo à razão.

– Olha, Steven. Ontem à noite, e esta manhã, foi fantástico. Mas isso não vem ao caso. Fiz uma coisa muito errada e agora estou assustada, com medo do que fiz, com medo de ti. Com medo de que as minhas acções de uma noite destruam uma coisa em que investi um ano da minha vida. O meu noivo é mais importante para mim do que qualquer outra pessoa no mundo. É um homem maravilhoso e carinhoso e eu não quero perdê-lo. Deixei a minha libido obscurecer-me o cérebro e arrisquei-me a estragar tudo. Isto não pode voltar a acontecer, nunca mais. Tens de compreender.

Ele abanou a cabeça.

– Maggie, vais cometer um grande erro se fores para a frente com esse casamento. A mulher naquela cama esta manhã não estava de certeza apaixonada por ninguém.

Apetecia-me gritar, mas mantive a calma.

– Chega. Gostava que te fosses embora, por favor.

Ele atravessou a sala até à minha secretária, onde pegou numa caneta e rabiscou qualquer coisa no bloco que estava pousado na superfície polida. Voltou-se para mim.

– Este é o número do sítio onde estou a trabalhar. Podes encontrar-me lá durante o dia.

Passei por trás dele e arranquei a folha do bloco, amarrotando-a na mão.

– Será que não percebeste? Nunca te vou ligar.

Para dar mais ênfase, avancei com passos decididos até à porta e abri-a, tomando posição junto ao umbral de braços cruzados.

– Então é assim?

– É assim.

Antes de sair, apanhou-me de surpresa: inclinou-se e roçou ao de leve os lábios pelos meus. Então passou por mim e saiu para o patamar. Fechei a porta atrás dele e corri o fecho, com o ouvido encostado à madeira a escutar o bater das botas dele a descerem o lanço de escadas. Senti uma vaga de alívio ao ouvir a porta da rua fechar-se – como se aquele ponto final pudesse apagar o que tinha acontecido.

A espreitar por entre as persianas brancas da sala, vi-o atravessar a rua e entrar na carrinha. Fiquei a vê-lo afastar-se, na esperança de que não tivesse fixado a minha morada e nunca mais pudesse voltar a encontrar-me.

Regressei à cozinha, onde uma solitária garrafa de *Jameson* estava pousada em cima da bancada ao lado de dois copos de boca virada para baixo. Mais recordações vieram à tona. A carrinha dele a parar em frente do meu prédio. Convidá-lo para uma última bebida tinha-me parecido bastante inocente. Onde diabo teria eu a cabeça?

– Ao casamento – brindara eu.

– Ao casamento – respondera ele, e bebera o uísque de um trago e pousara o copo de boca para baixo em cima da bancada. E então enterrara a cara na pele macia do meu pescoço. A sensação dele fora ao mesmo tempo desarmante e familiar. Qualquer espécie de determinação que eu pudesse ter derreteria-se enquanto ele me beijava ao longo da clavícula e me desapertava a blusa e enfiava a mão calejada debaixo do *soutien*. A minha última recordação era ele a levar-me para o quarto, e de os dois a arrancarmos as roupas um do outro. O resto era uma mancha confusa.

Excepto aquela manhã. Essa parte não era uma mancha.

Voltei ao quarto e olhei para o cenário da minha transgressão, a desejar que houvesse uma qualquer maneira cósmica de fazer o tempo andar para trás, como premir o botão de rebobinar no meu videogravador. Ainda tinha na mão o amarrotado pedaço de papel com o número dele. Atirei-o para o cesto do lixo. Abri a janela para limpar o ar do cheiro bafiento a sexo, arranquei os lençóis da cama e enfié-os na máquina de lavar. Então tomei um duche com a água mais quente que consegui suportar, a ensaboar-me uma e outra vez como se o sabonete pudesse lavá-lo

de mim, sempre a pensar no Flynn e em como ele ficaria magoado se alguma vez soubesse da minha infidelidade. Mas não podia saber. Nunca.

Quando saí do duche, os meus atormentados pensamentos voltaram-se para a Angie e para o telefonema que ainda não tinha feito. Tornei a vestir o roupão turco e fui para a sala. Peguei no telefone e marquei um número tão familiar que seria capaz de marcá-lo de olhos fechados. Um minuto mais tarde ouvi o chilreado «Estou?» da Carol Anne. A voz dela era a voz de ontem, da abençoada ignorância, a voz em que confiava mais do que em qualquer outra em todo o mundo. O mais provável era estar sentada na sua majestosa cozinha a fazer as ementas para a semana e a correspondente lista de compras.

– Sou eu. Tenho más notícias.

As minhas palavras pareceram-me insípidas à luz da bomba que ia largar. Disse-lhe, numa voz trémula, o que sabia da morte da Angie. Houve uma inspiração audível, seguida por uma expressão de incredulidade.

– Isso é impossível – gemeu. – Não pode ser verdade.

– Receio que seja.

– Assassinada?

– Foi o que a Kelly disse à Suzanne.

– Mas não compreendo. Se a Suzanne a deixou em casa, como foi ela parar ao parque? Não faz sentido.

– Nada faz sentido – disse eu, e desfiz-me em lágrimas. – Carol Anne, há mais uma coisa. Aconteceu uma coisa muito má.

– Pior do que a Angie ter sido assassinada?

– Pior não, mas má. – A minha voz desceu para um nível em geral reservado ao confessional. E então apercebi-me de que aquela não era uma confissão que pudesse fazer pelo telefone. – Carol Anne, posso ir ter contigo?

– Claro – disse ela, a atirar-me o cabo salva-vidas de que eu tanto precisava.